

# DIM-PAM-PUM!

DIRECTOR  
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIV  
N.º 685

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL  
**LO SECULO**

## JOÃO RESPONDÃO

por ANIBAL NAZARÉ

**O**S leitores conhecem o João Respondão? Não conhecem? Que pena! Mas eu vou procurar dar-lhes uma idéia, embora por alto, da maneira de sêr desse menino.

É claro que o nome dele não é João Respondão... Os meninos já estão mesmo a vêr que o «Respondão» é alcunha que puzeram ao João, por êle ter a mania de responder a tudo, — mesmo quando não saiba nem patavina do que lhe estão a preguntar...

O que é coisa certa e assente é que, com o João Respondão, ninguém fica sem resposta! E às vezes que respostas, Santo Deus! Nem é preciso dizer-se que, algumas delas, lhe têm ocasionado mercedos castigos... Mas de emendar-se, não há forma!

Os pais, os tios, todos teem feito o possível para lhe tirar tão mau costume. Sim, porque não é nada que fique mal a alguém o confessar, francamente, que não sabe qualquer coisa! Mas qual! O João Respondão quiere saber tudo, e a todos responde, às vezes, até quasi sem pensar, o que lhe vem à cabeça!

Os meninos duvidam que

assim seja? Pois vou contar-lhes algumas respostas do nosso heroi.

\* \* \*

Certo dia, o João Respondão appareceu, no colégio onde anda, com um exercicio de aritmética que era mesmo uma vergonha!

O professor olhou-o, pôs as lunetas, tornou a olhar e comentou:

— Parece impossível! É inacreditável como uma pessoa só, consiga fazer tanta asneira!

Elogio João respondeu, muito convencido:

— «Ah! Mas é que não fui eu só O mano ajudou!»

O João estava muito entretido a mastigar qualquer coisa, quando uma vizinha lá da rua lhe preguntou:

— «O que está comendo o Joãozinho?»

— «Uma «sandwiche» de língua!»

— «De língua! Mas eu só vejo o pão!»

— «Pois é! — respondeu o João. — A língua está dentro da boca!»

Como é natural, é na escola que

(Continua na página 5)



ARCINHO

# SEIS BURROS EM VEZ DE CINCO

POR F. V.

**O** Lucas, um pobre diabo,  
Um parvalhão de espantar,  
Foi, um dia, a uma feira  
Cinco burricos comprar.



Achou uns que lhe agradaram  
E sem demora os comprou.  
Depois, num deles montado,  
A casa, alegre, voltou.

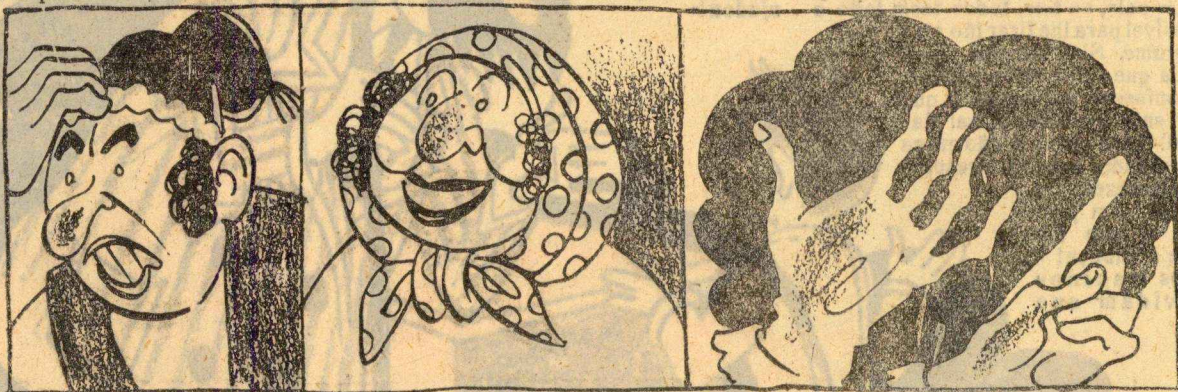
Cai das nuvens, fica doido!  
E' que o parvo não contava  
Com o pobre do burrico  
Que, desde a feira, montava.

Corre planícies e serras,  
Ligeirinho como o vento,  
Preguntando a tôda a gente  
Se tinha visto o jumento.

Nisto, a meio do caminho,  
—«Que desgraça! Que arrelia!»—  
Viu que tinha pago cinco  
E só quatro ali havia.

E o Lucas põe-se a chorar,  
Tudo atroando com gritos,  
Faz vir às portas as gentes;  
Solta fundos ais aflitos.

E, por fim, desiludido,  
Pois ninguém o tinha achado,  
Voltou o parvo do Lucas  
De novo ao seu povoado.



Mas fazia tal berreiro  
Que não houve ali ninguém  
Que à porta se não chegasse,  
Dizendo:—«Mas o que tem?»

E ainda mais se exasp'rava  
E chorava quando via  
Que tôda a gente, escutando-o,  
Perdidamente se ria.

E pondo as mãos nas ilhargas  
Ao esposo, disse assim:  
—«Não chores, meu bom marido,  
Porque fazes tal chinfrim?»

E êle em lágrimas banhado,  
Dizia: «Em lôgro caí,  
Pois comprei cinco burricos  
E só quatro trago aqui.»

Então, a mulher do Lucas,  
Que era grande espertalhona,  
Quando o viu com tal sandice  
Também fez cara ratona.

Tu fizeste um bom negócio  
Digno de papas e reis,  
Pois compraste cinco burros  
E em casa, agora, entram seis.»



Por GRACIETTE BRANCO

Volto de novo, ao fim de algum tempo de ausência, ao teu grato convívio, minha querida Menina Portuguesa. Como vão os teus estudos, os teus livros, os teus bordados?

Continuas aproveitando as horas do teu dia, os dias da tua vida? Olha que o teu nome de Menina Portuguesa tem grandes responsabilidades no conceito do Mundo. Acredita que és muito conhecida lá fora, no Estrangeiro, agora que o nosso Paiz, depois de um período longo de graves e incertas posições, readquiriu a prestígio de outras eras.

A tua inteligência, a tua bondade, a tua acção, a honestidade tranqüila e magnífica do teu porte, o teu sorriso claro e límpido como as nossas luminosas manhãs, passaram fronteiras, transparecem na elegância do nosso estandarte, cantam e palpitam nas três sílabas de Por-tu-gal!

Não deixes adormecer a tua consciência. Tu que és hoje a Menina Portuguesa, serás amanhã a Mãe e a Esposa, terás um lar à tua guarda e muitas forças formando-se à sombra da força do teu coração e da tua Vontade!

Cultiva a tua inteligência, pondo-a sempre ao serviço do que é útil; aclara a tua consciência; dulcifica o teu coração!

E mostra, orgulhosamente, aos olhos de todo o Mundo, de frente bem erigida e sorriso na boca, quanto representa ser Menina Portuguesa!

### CORRESPONDÊNCIA

*Isménia Maria Lopes* — Torres Vedras — Sim, minha querida amiguinha. O «Curso de Dicção» prossegue e uma das melhores discipulas, a Manuela Aralano, (que é muito inteligente e até com grandes promessas de escritora) vai muito brevemente recitar a uma emissora de Lisboa.

*Mariazinha* — Não sei quanto custam esses livros, mas posso informar-me. Saúdaes.

*Etelvina M. Dias* — Obrigada pelos teus elogios. Estive fóra e por esse motivo não pude responder-te.

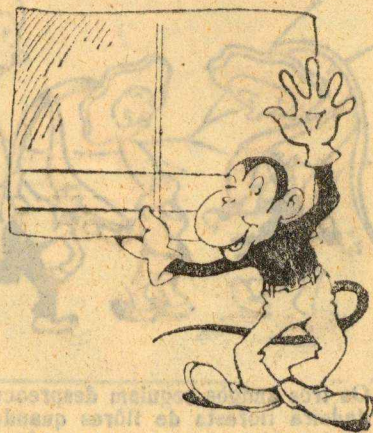
*Candida da Nazaré Campos* — A tua mãe, escreveu-me dizendo que já estás menos teimosa. Agora já sou mais tua amiguinha mas sê-lo-ei em absoluto quando souber que perdeste completamente tão feio defeito.

GRACIETTE

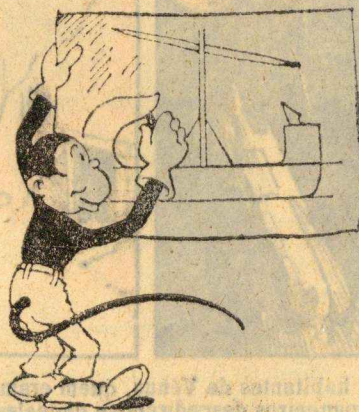
### Concurso da «BELA PRINCEZINHA ADORMECIDA»

São convidados a menina Amélia Beatriz Sena Delgado Carvalho, de Seia; e o menino Manuel J. Coelho, da rua Costa Cabral, 855, Porto, a enviarem-nos até segunda-feira, as suas senhas relativas ao «Concurso da Bela Princesinha Adormecida», a-fim-de lhes remetermos os prémios. Fimdo esse praso, consideramos caducos os seus direitos.

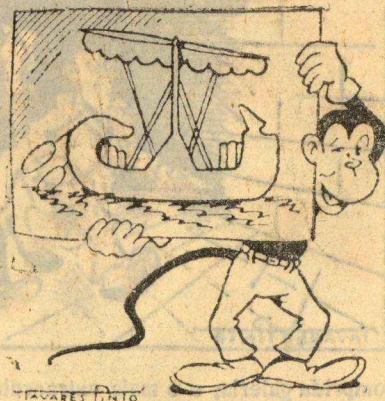
## CHICO, PROFESSOR DE DESENHO



Leitorzinho, meu amigo, novamente estou por cá.



Se fizeres o que digo, e crê que não custará,



Farás uma barco engraçado, pelos fenícios usado.

# VIAGEM aos PLANETAS

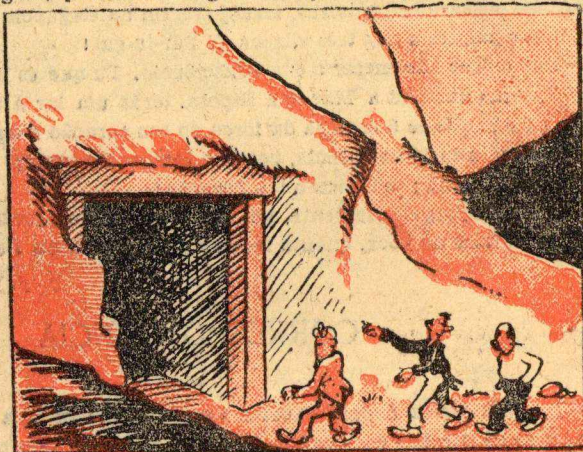
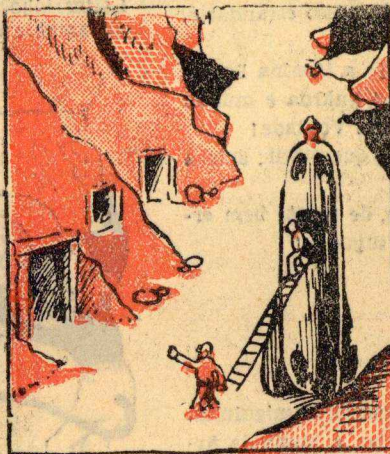
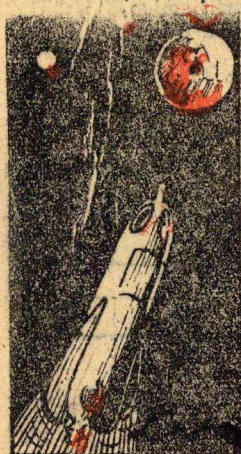
(Continuação do número anterior)

por TAVARES TINTO



Os três amigos seguiam despreocupadamente naquela verdadeira floresta de flores quando, de repente, foram agarrados por estas, que os prenderam com as suas compridas fôlhas, e se puzeram, muito admiradas, a mirá-los.

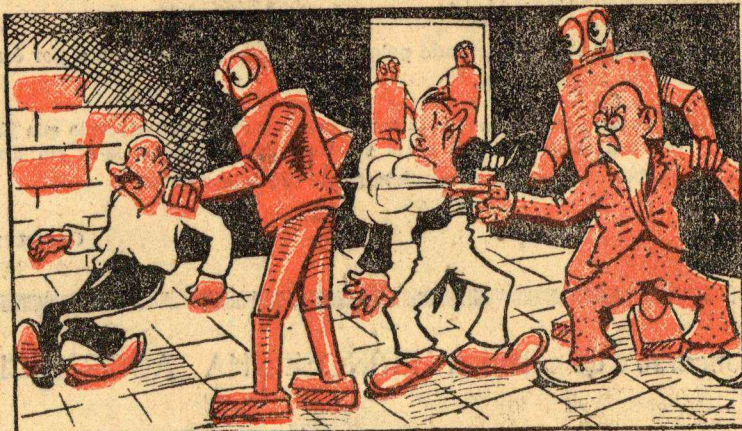
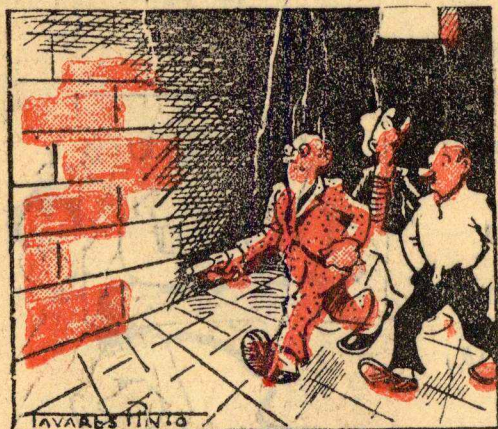
Uma delas, com cara de boa pessoa, ergueu o dr. Sabão e pôs-se a falar com ele numa linguagem estranha que o sábio não percebeu. Este, no entanto, foi mais feliz, pois conseguiu, por meio de gestos, explicar áqueles extraordiná-



rios habitantes de Vénus, quem eram. Em seguida, os três companheiros despediram-se daqueles simpáticos personagens e partiram para Marte, o planeta que brilha no céu com uma cor avermelhada, acompanhados dos seus dois

satélites. Aterraram nêle sem novidade e a primeira coisa que viram foi umas aberturas numas montanhas vermelhas.

Curiosos, «Papa-Tudo», «Passa-Fome» e o sábio entraram por uma dessas aberturas e encontraram-se numa



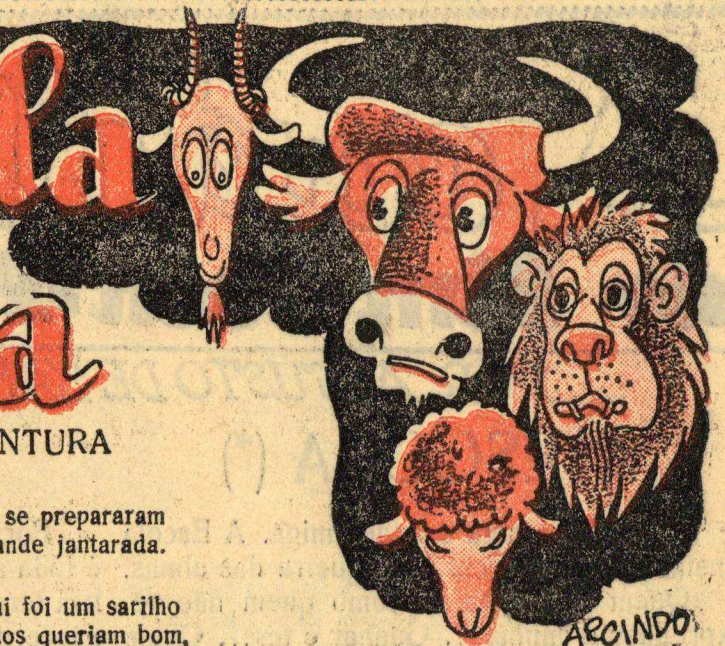
comprida galeria; e o mais extraordinário que elas tinham é que as paredes e o chão eram constituídos por placas de ferro. Cautelosamente, — o doutor armado de revólver — aventuraram-se nessa galeria, quando, sem esperarem,

se abriu uma porta na parede e uns estranhos monstros de ferro apareceram que agarraram nos nossos heróis e os transportaram para...

(Continua no próximo número)

# Tábula velha

Por FRANCISCO VENTURA



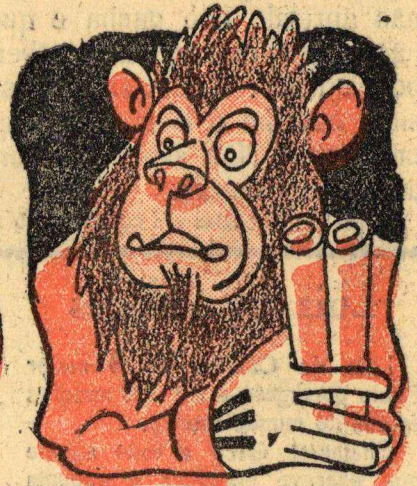
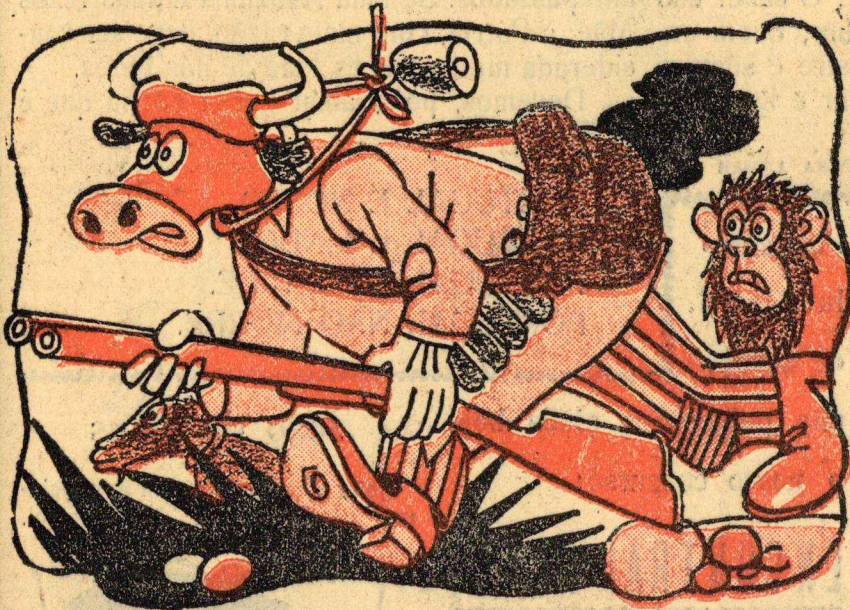
ARCINDO

**A** cabra, a vaca, uma ovelha  
E um muito forte leão  
Começaram, certo dia,  
A caçar pelo sertão.

E todos se prepararam  
Para grande jantaráda.

Mas aqui foi um sarilho  
Pois todos queriam bom,  
Pondo-se logo zangados,  
A falar sem tom nem som.

Uma desgraçada corça  
Foi dentro em pouco, agarrada;



Alguns curiam que se desse  
Mais ao que mais trabalhara,  
Outros que isso pertencesse  
Ao que mais esperto andara.

(Continua na página 7)

## JOÃO RESPONDÃO

(Continuação da página 1)

mais se faz sentir o feio defeito do João Respondão.

E piamente acreditamos que deve ser preciso têr-se uma evangélica paciência para se sêr professor dum menino tão indisciplinado.

Uma vez, o mestre perguntou-lhe:

—«Se tivesse cinco batatas para dividir por doze pessoas, o que faria?»

E logo o João resolveu o assunto:

—«Começava por fazer um puré e depois dividia!»

É claro que teria sido muito mais bonito responder que não sabia e dei-

zar que o professor lhe explicasse...

Mas o João é respondão por natureza e, ao que parece, muito difícil será conseguir que êle mude...

Calculem os meninos que êle uma vez...

Mas isto, já agora, é melhor ficar para outro dia.

F I M






# ANTONINHO E ZECA

CONTO  
HIEROGLIFICO

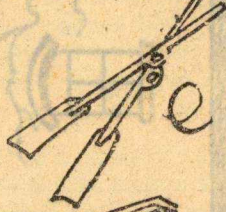
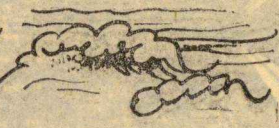
Anto  e Zeca eram duas cri-  
anças muito  e .

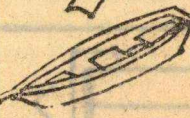

Subiam às , trepavam aos

 e faziam **1000** outras di-  
abrilhas.

**1** dia meteram-se

dentro de uma , pegaram nos

 e fizeram-se ao . A

 voltou-se e chegaram a 

num



## FÁBULA VELHA — (Continuação da página 5)

bem nos vossos corações este nome, que era o de um grande amigo de todos vós.

Foi João de Deus o autor da «Cartilha Maternal», pela qual muitos meninos, que já são hoje uns senhores como os vossos papás, aprenderam as primeiras letras.

João de Deus, além de um grande Amigo, foi um grande Poeta e um grande Mestre.

E depois de terem dito  
Tolices até não mais,  
Gritou um, num grande berro:  
«Façam-se partes iguais!»

Nisto, o leão, arrogante,  
Em quatro partiu a prêsa  
E disse aos seus companheiros  
Que eram fracos, sem defesa

— «Como eu a primeira parte,  
Porque sou quem pode mais;  
Como também a segunda  
Por ser rei dos animais;

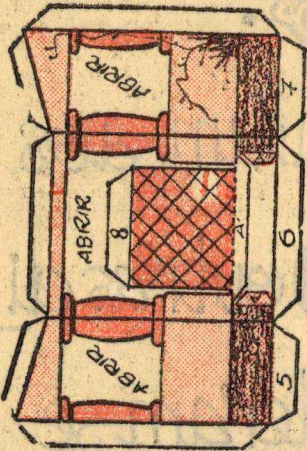
A terceira é também minha,  
Por eu leão me chamar,  
Quanto à quarta despedaço  
Quem nela quiser tocar.»

Os outros, enfiadinhos,  
Nada podendo dizer,  
Afastaram-se um nadinha  
E puzeram-se a correr.

E lá iam, muito tristes,  
Dizendo:—«Do mal o menos!»  
E' que onde há grandes e maus  
Desgraçados dos pequenos!»

# A ESCOLA

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR



TELHADO DO ALPENDRE

